



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Apontamentos sobre Vieira da Silva e Arpad Szenes

Almada Negreiros

Para citar este documento / To cite this document:

Almada Negreiros, "Apontamentos sobre Vieira da Silva e Arpad Szenes", *Colóquio/Letras*, n.º 185, Jan. 2014, p. 51-57.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Pintura

Maria Helena Vieira da Silva, pintora, natural de Lisboa, casada com Árpád Szenes, pintor, natural de Budafest, ou mais exactamente, de Pest, porque Buda e' do outro lado do Danubio, estão no seu atelier de Lisboa.

Em toda a parte do mundo ha assim como este, uns pedacos de territorio da pintura.

Estes pequenos laboratorios de embelezamento da vida e onde o unico material e o cor-
nho, fazem por vezes verdadeiros milagres
como o ~~e entre estes~~ de apresentar pessoalmente Portugal a Hungria.

Leemua-se Maria Helena que apesar de seus pais não serem artistas tinham uma razoável biblioteca de livros de Arte. A sua infância viajou-a inteiramente através d'enas edições, e assim se fez o mundo dos seus olhos. O conhecimento com o pintor Szenei seu marido, e a sua pintura e a d'ele são a continuação natural das edições de Arte da biblioteca de seus pais. Desde as ilustrações d'estes livros da sua infância até a ^{sua} pintura abstracta, "surrealista" de hoje, ~~tudo~~ tudo tem vindo naturalmente, a seguir.

É difícil explicar a minha maneira pessoal de trabalhar: eu começo automaticamente, compreende?

— Sim. Cézanne dizia: dese-se começar sempre em ventro.

— É isso mesmo. Eu começo automaticamente até à consciência científica.

— Parece-me bem definida de maneira geral o trabalho de arte: a inspiração é de ordem inconsciente no entanto o resultado de arte é de ordem consciente.

Szenes não entende bem o português, e sua mulher ~~é~~ tradutor e ele aceita, mas tem mais a dizer de sua parte.

— Há bastantes pintores ^{modernos} os quais não sendo dos melhores artistas são no entanto os melhores instrumentos da pintura moderna. (Szenes dá exemplos conhecidos e pede discreção) Entende-se erradamente por pintura moderna o que não passa afinal de automatismo.

Eu — É d'alí que acontece hoje termos os autênticos "compriés" a pintar à moderna!
Maria Helena — Não Numa foi ao atelier de Juan Gris?

Eu — Não o conheci pessoalmente. Sou apenas ^{um fervoroso} um grande admirador d'esse ^{destruidor} pioneiro da pintura moderna.

Atm Maria Helena — Pois o atelier de Juan Gris era mais exactamente o atelier de um architecto ou de um engenheiro do que a officina de um pintor.

Szenes — Porque Juan Gris quando pinta uma natureza morta, primeiro estudou na geometria como se ha-de pintar hoje cientificamente uma natureza morta. As formas naturais tem leis geometricas ...

Eu — ... as quais foram por sua vez deduzidas das formas naturais.

Szenes — É ^{é a} essa correspondência que toda

a Arte ha-de ~~respeit~~ obedecer.
Maria Helena - Todos os artistas modernos
estão hoje ocupados com a "règle
d'or".

Szenes - A "règle d'or" é o ponto de encon-
tro onde a Arte e a Ciência se co-
municam. Sim a Ciência, a grande
aliada da Arte, a nossa grande ali-
da!

Ha coisas que o acaso se encarrega de
nos dizer, e por acaso não são das menos
interessantes que ficamos sabendo. Já Gu-
tenberg ao contar de sua fôra por acaso que
descobria a imprensa, acrescentava que
"le hasard ne visite jamais les sots". Bem
entendido, trata-se de Gutenberg e do Acaso.
E isto vem a propósito ~~desta~~ ^{do} que se segue:

Comidades por Luiz Reis Santos a im-
pessoalmente a sua casa para ver uma boa
parte da obra do grande editor e gravador
francês Daragnès, oferecida por este mesmo
ao nosso compatriota por ocasião da sua vi-
agem ao estrangeiro como hósteio da Junta
Nacional, tivemos ocasião de reconhecer
nas provas e exemplares de Daragnès uma das
maiores proezas e um dos mais excelentes

hom-gostos na arte grafica do livro. Ele - proprio
imprime, fabrica o seu papel ^{ou a especie do tipo,} e Compose, imprime
e ilustra, e grava e colora as suas edicoes.
Este conjunto satisfaz o mais exigente.
Vimos gravuras coloridas com vinte impressoes
sobrepostas ate' conseguir a qualidade o re-
sultado! Ficamos grandemente reconhecidos a
Reis Santos pelo bello espectaculo que nos profes-
cionou para aquela noite.

No dia seguinte inaugurava-se na U.P.
uma exposicao de Arte. Predominavam as gra-
vuras em tiragens minimas, numeradas. Assinavam
nos tres nomes estrangeiros e um portugues. Tinha-
mos ainda ~~na imagem dos olhos~~ nos olhos a
imagem luminosa do bello trabalho de Daragnès.
~~hontem, a noite~~ { ~~aconteceram~~
^{nos parece que} }, quando vemos
uma coisa bella, que todo' bello e' so' essa coisa.
Mas qual historia, a beleza tem muitos logars.
Assim e' que esta exposicao de gravura era tam-
bem bella tambem. Cada trabalho tambem era
tambem um bom exemplo de prolixidade e de
hom-gosto como o de hontem, mas a esta proli-
xidade era uma outra, tao grande como aquela, este
hom-gosto tao excelente como aquele, esta beleza
bem diferente da outra! Sem diminuir em nada
o meu grande entusiasmo de hontem ~~se estav~~
deante de Daragnès, eu estava hoje igualmente
maravilhado diante d'estas gravuras de hoje!

Aspectos absolutamente incomparáveis, de beleza, de frescura e de bom-gosto, foi-nos necessário tempo para deixar assentar estes valores em claridade. Daragnès chega a modificar por completo o formato, o tipo de impressão, a maneira de gravar e de lhe dar o colorido, ao destinar uma edição a determinado país!

Mas aqui na exposição de gravuras, ~~a atmosfera~~ fere o clima é outro. As linhas são indelévelmente gravadas em couro, ^{isto é,} não obra tanto a mão como o que vai por dentro; vai-se mais consciente do que se sabe para onde; está' mais presente o invisível do que o que se sabe; esboçam-se ~~os~~ teoremas de gráficos que amanha se desentenderão; pensa-se mais na própria luz do que no corredor ou na lanterna.

Emfim ha expressões de que a Arte já dispõe e outras de que ela continua acida e insaciável. E isto ^{aprende-se} aprendemos-nos de ~~uma~~ ~~vez~~ de um dia para o outro, ao acaso.